

DA SENSIBILIDADE MORAL EM DAVID HUME: O PAPEL DAS PAIXÕES NA FUNDAMENTAÇÃO MORAL

*Antonio Adilson Venâncio**

Resumo: O presente trabalho procura analisar o papel das paixões na fundamentação da moral em David Hume, especialmente, na obra “Tratado da Natureza Humana”, Livros II e III. Evidencia-se o caráter prático e a influência da paixão no que tange a motivação e o impulso para a ação, conciliando-se com a razão, uma vez que esta tem a função de deliberar sobre o verdadeiro e o falso. Com isso, o fim último é dado pela paixão a qual se aproxima da moral pelo sentido útil e benevolente da ação.

Palavras-chave: sensibilidade moral, paixão, razão, motivação, prática.

Palavras-chave: Hume, sensibilidade, moral.

As proposições da geometria podem ser aprovadas, os sistemas da física podem ser debatidos, mas a harmonia do verso, a ternura da paixão, o brilho da espiritualidade devem dar um prazer imediato¹.

Introdução

Na obra “Tratado da Natureza Humana”, David Hume, introduz o método experimental nos assuntos morais. Parte *Do Entendimento* Livro I e evidencia a percepção das impressões e como estas possibilitam a experiência. Após, o Livro II *Das Paixões* elucida que o interesse, o impulso e a motivação são características das paixões, diferentemente da razão. E, finalmente, o livro III *Da Moral* que engloba as características das paixões, especialmente, pelo seu caráter prático.

* Aluno especial do Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas – email: adilsonvenancio@gmail.com.

¹ HUME, 2004, p. 227. Algumas coisas são boas naturalmente e independem do conceito e da abstração para se firmarem.

O objetivo do trabalho é evidenciar o papel das paixões na fundamentação da moral. E, para isso, pretende-se discorrer sobre algumas citações do Livro II e do Livro III, sem a pretensão de esgotar a problemática, mas iniciar nos estudos do autor, suscitar questões a partir desses aspectos peculiares e polêmicos de sua obra.

1 - A relevância do tema

A questão sobre a pertinência das paixões para a moral humeana procura respostas, juntamente, na problemática referente ao embate na tradição filosófica entre paixão e razão. Nota-se que na tradição há, claramente, uma primazia da razão sobre as paixões e a estas compete apenas ser “desprezada e subjugada”. Hume mostra que isso pode ser visto de outro ângulo.

Quando nos referimos ao combate entre paixão e razão, não estamos falando de uma maneira filosófica e rigorosa. A razão é, e dever ser, apenas a escrava das paixões, e não pode aspirar a outra função além de servir e obedecer a elas. (HUME, 2009, p. 451).

Hume rejeita a razão como princípio da moral e nesse caso as inferências causais, confrontando-se diretamente com os racionalistas. A razão é indiferente em relação aos valores da vida e sua influência ocorre de maneira indireta, seja inferindo *juízos de valores*, seja orientando as paixões, sem, contudo, fixar o *bem* e o *mal*, pois estes competem às paixões, ao senso moral².

Nada é mais comum na filosofia, mesmo na vida corrente, que falar no combate entre a paixão e a razão, dar preferência a razão e afirmar que os homens só são virtuosos quando se conformam a seus preceitos. Afirma-se que toda criatura racional é obrigada a regular suas ações pela razão; e se

² DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORAL, 2007, p. 755.

qualquer outro motivo ou princípio disputa a direção de sua conduta, a pessoa deve se opor a ele até subjugá-lo por completo ou, ao menos, até torná-lo conforme àquele princípio superior. A maior parte da filosofia moral, seja antiga ou moderna, parece estar fundada nesse modo de pensar. E não há campo mais vasto, tanto para argumentos metafísicos como para declamações populares, que esta suposta primazia da razão sobre a paixão. A eternidade, a invariabilidade e a origem divina da razão têm sido retratadas nas cores mais vantajosas; a cegueira, a inconstância e o caráter enganoso da paixão foram salientados com o mesmo vigor. Para mostrar a falácia de toda essa filosofia, procurei provar, primeiramente, que a razão, sozinha, não pode nunca ser motivo para uma ação da vontade; e, em segundo lugar, que nunca poderia se opor à paixão na direção da vontade³. (HUME, 2009 p. 449)

“Se algo nos afeta, concluímos que não pode ser uma quimera; e como nossa paixão se envolve em um lado ou em outro, pensamos naturalmente que a questão está ao alcance da compreensão humana; ao passo que, em outros casos dessa natureza, tendemos a ter dúvidas a tal respeito.” (HUME, 2009, p. 496). Nessa perspectiva pode-se afirmar que tudo que afeta as relações humanas merece atenção e, assim, relacionar com a moral.

Com isso, Hume elabora uma investigação desde o sentido interno até fatos e relações interpessoais. A relevância do tema para a fundamentação da moral encontra-se na própria perspectiva do autor que ousa questionar a tradição sem, contudo, abster-se dos mais importantes temas filosóficos.

2 - Perspectiva humeana a respeito da paixão e da razão.

O que se procura mostrar aqui não é a exclusão da razão ou um pensamento anti-racionalista. No decorrer de sua obra, Hume, elucida seu

³ Ver também: REALE, 1990, p. 572.

ponto de partida ao pretender evidenciar que a razão sozinha não é motivo para a ação nem uma oposição, necessariamente, as paixões (HUME, 2009, p. 450).

No entanto, na obra subsequente ao “Tratado da natureza humana”, elaborada com a pretensão de melhor expor o pensamento do Tratado, o autor escreve: “Investigações sobre o entendimento humano e os princípios da moral” e abstém-se do capítulo sobre as paixões. O que parecia evidente até então, transforma-se em problema: torna-se digno de investigação se de fato o autor muda de perspectiva, se teria aprofundado a pesquisa ou teria se rendido às questões tradicionais da filosofia. Na continuação da reflexão, ainda no “Tratado da Natureza Humana”, o autor salienta que afirmar a primazia dos sentimentos como o impulso para a ação não desmerece a razão, mas apenas coloca-a no seu devido lugar, ou seja, como julgadora, ou melhor, orientadora da ação. O motivo último é dado pela paixão⁴. “(...) é impossível haver uma oposição ou contradição entre essa paixão e a verdade ou a razão (...)” (HUME, 2009, p. 451).

Para Hume as paixões e a razão são conceitos bem distintos que exigem investigação, justamente pela importância que ambas exercem para a compreensão moral. Não é possível pensar um sujeito que não pondere as relações pautadas nos princípios da paixão e da razão. Nota-se, dessa forma, a complexidade da relação entre razão, paixão e moral. E, conseqüentemente, isso não pode ser compreendido sem a análise de um todo.

⁴ Cf. HUME, 2004, p. 226-228. Nota-se que nestas passagens (Investigação Sobre o Conhecimento Humano e os Princípios da Moral) David Hume comenta sobre as perspectivas da tradição filosófica dos Racionalistas, Metafísicos e A-racionais sobre as questões da razão ou do sentimento como fundamento da moral. No entanto, após considerar tais posições, conclui que: “(...) razão e sentimento colaboram em quase todas as decisões e conclusões morais.” Nesta obra Hume não fala propriamente em paixão, mas em sentimento e razão. O sentimento teria o mesmo significado de paixão ou seria substituída por expressar melhor seu posicionamento?

As paixões são aquilo que representa o conjunto dos impulsos mais importantes e decisivos na vida humana. Pois é delas que parte a motivação primeira e última fundamental da ação.

(...), toda cadeia de razões no raciocínio dos meios para os fins é finita e tem como seu ponto de término um fim concludente (ou último), que é um objetivo ou propósito de uma ou mais das paixões, como Hume as designa. Suponho que uma razão em tal cadeia de razões é uma *asserção* (e desse modo verdadeira ou falsa) que diz que (fazer) algo é meio (eficaz) para algo que se deseja. (RAWLS, 2005, p. 39).

Para Hume os sentimentos são fundamentais para compreensão da moral, pois são características humanas universais a toda cultura. É ilícita à natureza humana a compreensão que põe o sentimento como impulso apenas ao “ser domesticável”. O dogmatismo da razão, da política, da religião, da filosofia ou o isolamento do sujeito racional diminui a possibilidade de uma compreensão ampla da moral no sentido de equilibrar potências e ver que: “(...) é impossível que a razão e a paixão possam se opor mutuamente ou disputar o controle da vontade e das ações. Assim que percebemos a falsidade de uma suposição ou a influência de certos meios, nossas paixões cedem a nossa razão sem nenhuma oposição.” (HUME, 2009, p. 452).

Percebe-se, portanto, que David Hume tem uma postura ponderada no que diz respeito ao uso da razão, denotando a importância na deliberação e na orientação do impulso da paixão⁵. E, com isso, concilia sentimento e razão e comenta sobre a postura tomada pelos “racionalistas e a - racionais⁶”, onde se vê isoladamente os critérios da razão e do sentimento.

⁵ Ver também: AYER, 2003, p. 119. “A razão controla a paixão, na medida em que ela pode ser usada para descobrir que uma paixão se baseia em uma falsa avaliação, (...)”

⁶ Ver também: HUME, 2004, p. 225-229. O autor evidencia os argumentos sobre os “fundamentos gerais da moral” e se eles derivam do sentimento ou da razão.

Esses argumentos de cada um dos lados (e muito mais poderiam ser fornecidos) são tão plausíveis que tendo a suspeitar que ambos podem ser sólidos e satisfatórios, e que razão e sentimento colaboram em quase todas as decisões e conclusões morais. É provável que a sentença final (...) se apóie em algum sentido interno ou sensação que a natureza tornou universal na espécie inteira. (...) Mas vemos que, para preparar o caminho para um tal sentimento e prover um discernimento apropriado de seu objeto, é frequentemente necessário precedê-lo de muitos raciocínios, (...). (HUME, 2004, p. 229).

Para o autor é essa relação de sentimento e razão que faz da moral um estudo prático com a tendência de regular a vida e as ações (HUME, 2009, p. 229). Desse modo, Hume não apenas coloca o sentimento moral como origem e fundamento da ação como coloca a razão com papel secundário em relação ao ato moral, sem com isso descartá-la.

3 - Sensibilidade moral

Poder-se-ia perguntar se existe um caminho de interdependência entre paixão e moral, a respeito disso Hume comenta: “Se a moralidade não tivesse naturalmente nenhuma influência sobre as paixões e as ações humanas, seria inútil fazer tanto esforço para inculcá-la; e nada seria mais vão que aquela profusão de regras e preceitos tão abundantemente em todos os moralistas.” (HUME, 2009, p. 497). E ainda, “A moral desperta paixões, e produz ou impede ações. A razão, por si só, é inteiramente impotente quanto a esse aspecto. As regras da moral não são conclusões de nossa razão.” (HUME, 2009, p. 497)⁷.

⁷ Ver também: REALE, 1990, p. 573.

O objetivo final da obra⁸, “O Tratado da Natureza Humana”, é o aspecto da moral e este, sem dúvida, não é possível ser compreendido sem levar em conta a perspectiva do autor frente as concepções de paixão e razão. A paixão é, em especial, o motivo que impulsiona a ação.

Aquilo que comumente entendemos por paixão é uma emoção violenta e sensível da mente, que ocorre quando se apresenta um bem ou um mal, ou qualquer objeto que, pela formação original de nossas faculdades, seja propício a despertar um apetite. Com a palavra razão referimo-nos a afetos exatamente da mesma espécie que os anteriores, mas que operam mais calmamente, sem causar desordem no temperamento; essa tranquilidade faz que nos enganemos a seu respeito, vendo-os exclusivamente como conclusões de nossas faculdades intelectuais. (HUME, 2009, p. 473).

A paixão por sua vez só pode ser contrária a razão enquanto é acompanhada de juízos ou de opiniões. Não é errada, ao sentido, a escolha dissonante da razão diante de um fato de valor sentimental ou preferir o que, visto de fora, possa ser contrário a razão. Nisso o autor sustenta que:

Um bem trivial pode, graças a certas circunstâncias, produzir um desejo superior ao que resulta do prazer mais intenso e valioso. E não há nisto nada mais extraordinário que ver, em mecânica, um peso de uma libra suspender outro de cem libras, pela vantagem de sua situação. Em suma, uma paixão tem de ser acompanhada de algum juízo falso para ser contrária a razão; e mesmo então, não é propriamente a paixão que é contrária a razão, mas o juízo (HUME 2009 p. 452).

⁸ Cf. HUME, 2009, p. 495 – “Entretanto, ainda tenho a esperança de que o presente sistema filosófico ganhará nova força conforme vai avançando; e que nosso raciocínio a respeito da moral irão corroborar o que foi dito a respeito do entendimento e das paixões. A moral é um tema que nos interessa mais que qualquer outro.”

Não se delibera sobre determinado fim porque o fim é o sentido, mas sim sobre os meios, sobre o que traz prazer e é virtuoso⁹. Pode-se dizer que David Hume não se preocupa com questões de normatividade no sentido estrito de princípios, de dever, de fundamentação, de obrigação, de responsabilidade, mas sim, com questões de fato.

O autor reduz as questões morais das práticas do dia-a-dia a ideias simples e gerais, onde o que dá prazer é bom e o que causa dor é vicioso. E, com isso, estrutura as paixões em uma relação complexa a partir das impressões.

3.1 - Estrutura das paixões

O ser humano em David Hume é “um feixe de sensações”. Através das percepções da mente é possível ter as impressões advindas pelo sentido, as quais serão reproduzidas por ideias¹⁰, hábitos, costumes¹¹, ou seja, o que está na mente tem uma origem nos sentidos.

(...) não é de espantar que a ideia de um sentimento ou paixão possa desse modo ser ativada a ponto de se tornar o próprio sentimento ou paixão. A ideia vívida de um objeto sempre se aproxima de sua impressão; e certamente podemos sentir mal-estar e dor pela mera força da imaginação, e até mesmo tornar real uma doença de tanto pensar nela. (HUME, 2009, p. 353).

Isso significa que as experiências são fundamentais para a definição do modo de agir e interagir com o meio, não como dado inato, mas advindo das intuições do sentido, pelas impressões. Contudo, essas impressões se distinguem em *força e vivacidade*. As ideias, por sua vez, derivam como cópia das

⁹ Cf. AYER, 2003, p. 120. “(...) a escolha dos fins foi posta do lado de fora da esfera da razão.”

¹⁰ Cf HUME, 2009, p. 353 – todas as ideias são tiradas de impressões.

¹¹ HUME, 2009, p. 353.

impressões. De acordo com a vivacidade, as impressões após gerarem ideias e, essas, sendo fortes e vivazes, podem tornar-se impressões de ideias que se denominam também como impressões de reflexão, onde se localizam as paixões como um todo. Nas impressões de reflexão existem as paixões¹² calmas e as paixões violentas. As primeiras são sentimentos estáveis e por vezes podem ser confundidas com a razão e as últimas são fortes, arrebatadoras e intensas.

Falando de maneira geral, as paixões violentas exercem uma influência mais poderosa sobre a vontade; mas constatamos frequentemente que as calmas, quando corroboradas pela reflexão e auxiliadas pela resolução, são capazes de controlá-las em seus movimentos mais impetuosos. O que torna tudo isso mais incerto é que uma paixão calma pode facilmente se tornar violenta, seja por uma mudança no humor da pessoa ou na situação e nas circunstâncias que envolvem o objeto, seja por extrair força de uma paixão concomitante, pelo costume, ou por excitar a imaginação. (HUME 2009 p. 473).

As paixões como impressão de reflexão surgem de impressões originais. As paixões diretas são sensações de desejo e aversão e as indiretas são o orgulho e a humildade. Pode-se dizer que o orgulho causa prazer e a humildade dor. O ser humano naturalmente tende a buscar e associar o prazer ao bom e a dor ao vicioso e, por sua vez, ter desejo e aversão por um e outro.

Aqui, mais uma vez, nota-se que o agir não é movido pela obrigação, mas porque “sensível” distingue o que é vício e o que é virtude, sendo a normatividade condicionada pela reflexão complexa da sensibilidade moral. Dessa forma, a motivação é sustentada pelos sentimentos, pelas paixões que são conteúdos concretos da vida moral e não por representação, motivação

¹² HUME, 2009, p. 309.

transcendental, obrigatória por força da lei ou de uma vontade suprema, divina ou externa a natureza humana¹³.

3.2 - Mecanismos de simpatia

As pessoas naturalmente procuram o que é bom por um impulso benevolente, ou seja, buscas prudenciais movidas por uma consciência moral que equilibra os conflitos entre o autointeresse e a benevolência, sentir prazer com o bem alheio¹⁴. Com isso, fortalece uma relação de simpatia a qual está no princípio do senso moral¹⁵.

Esse mecanismo de simpatia que possibilita aproximar sentimento nas relações pessoais se torna fundamental para expandir a compreensão das paixões. Desse modo, se partilha as experiências e a maneira como o ser humano se vê em relação ao seu semelhante e se identifica¹⁶. “Nenhuma paixão alheia se revela imediatamente à nossa mente. Somos sensíveis apenas as suas causas ou efeitos. É *desses* que inferimos a paixão, consequentemente, são eles que geram nossa simpatia.” (HUME, 2009, p. 615).

Nesse aspecto, o autor evidencia haver uma grande semelhança nos sentimentos humanos. Mesmo em diferente grau todos são afetados uns pelos outros. Contudo, também há simpatia com o que se admira e com o que se assemelha. O louvor dessa relação, consequentemente, consiste na utilidade que tem para a sociedade. Dessa forma, o sentimento se manifesta nas diferentes relações com o meio e, a razão, justifica e distingue as ações úteis e benéficas para a humanidade (HUME, 2004, p. 368- 369).

¹³ HUME, 2009, p. 496-497; DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORA, 2007, p. 754. Hume questiona os sistemas que afirmam que a virtude está em conformidade com a razão e que impõe uma obrigação tanto às pessoas quanto às divindades.

¹⁴ Ver: RAWLS, 2005, p. 101; DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORA, 2007, p. 759.

¹⁵ Cf.: DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORA, 2007, p. 762.

¹⁶ Ver também: RAWLS, 2005, p.99-102.

Conclusão

Assim, deve-se admitir que os limites da paixão e da razão consistem justamente na interdependência necessária de ambas para a melhor elucidação da moral. É possível concluir que o papel das paixões é indispensável para a fundamentação da moral, uma vez que ela encontra-se de imediato enraizada na sensibilidade moral como impulso gerador de toda ação. Com isso, completa, justamente, a necessidade da razão a qual tem como característica central justificar, elucidar e orientar os interesses naturais da paixão.

Contudo, percebe-se que a relevância das paixões em David Hume perpassa toda sua perspectiva moral e reafirma a sensibilidade humana, seus afetos e suas relações. A razão em si é desinteressada e possui um princípio inativo. A sensibilidade moral atinge seu auge na confirmação da paixão como impulso originário de toda ação e seu respectivo interesse benevolente o que, conseqüentemente, falta para a razão. Em suma, a paixão e a moral estão vinculadas pelo caráter ativo, bem como, a moral compreendida como prática e social.

Referência bibliográficas:

AYER, A. J. HUME. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

BRITO, A. N. de. “Da Validade de Juízos Morais: Uma Abordagem Empirista”. In: *Ensaíos Sobre Hume* / Livia Guimarães, organizadora – Belo Horizonte: Editora Segrac, 2005. p. 171 – 185.

DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORAL. Org. Monique Canto-Sperber. Vol. 1. Coleção ideias dicionários. Ed. Unisinos: São Leopoldo, 2007.

HUME, D. *Investigação Sobre o Entendimento Humano e Sobre os Princípios da Moral*. Tradução: Jose Osmar de Almeida Marques – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *Tratado da Natureza Humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. Tradução: Debora Danowski – 2º ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. *Vida e Obra*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KLAUDAT, A. “Hume e a Determinação da Mente”. In: *Ensaio Sobre Hume* / Lívia Guimarães, organizadora – Belo Horizonte: Editora Segrac, 2005.

RAWLS, J. *História da Filosofia Moral*. Trad.: Ana Aguiar Contrim. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: Do Humanismo a Kant*. Vol. 2. Coleção Filosofia. São Paulo: Paulus, 1990.